

Notas da Introdução

- 1 Jorge Coli ajudou-me a decidir sobre a utilização da obra de Beethoven como título do livro. Sua grande erudição e seu vasto conhecimento da história da arte muito me têm ajudado a refletir sobre os caminhos do pensamento brasileiro.
- 2 Veja-se esta discussão em: Gilberto FREYRE. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1968. pp. 119-121.
- 3 Gilberto FREYRE. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Nacional, 1936. Cap. II, pp. 57-86.

Bastos, Elide Rugai (2005) *As Criaturas de Prometeu*.
São Paulo: Editora Global e Fundação Gilberto Freyre. Capítulo

Capítulo I

O Mito Gilberto Freyre

Conhecemos a imagem oficial de Gilberto Freyre que ele próprio, ao longo de muitos anos, teve o cuidado de administrar, de modo direto ou indireto. É claro que a essa imagem, em diferentes momentos, acrescentou dados novos, reais ou imaginários, não importa. É assim que se figuram os mitos e, sem dúvida, Gilberto Freyre é um mito da cultura brasileira. Através dessa mitologia, construída por ele e por seus intérpretes, recuperamos a relação entre a obra e a época, o presente e o passado.

Vários elementos compõem o mito. Uma de suas dimensões é a própria administração da imagem pública. Outra é a reação dos intelectuais, em diferentes posicionamentos, que compõem, também com a imagem que projetam, a mitologia. Uma terceira faceta é o diálogo que se estabelece entre as duas dimensões: Gilberto não fala sozinho, responde a um debate. Um exemplo interessante parece-me ser o narcisismo. Inúmeras vezes foi acusado, desde o início de sua carreira, de vaidoso. Não foge à provocação; antes, incorpora-a à sua figura: "Dizem que sou vaidoso. Acho que sou mesmo. Mas todo intelectual é um Narciso e eu tenho porque sê-lo"¹.

Não se deve esquecer, porém, que não é qualquer intelectual que se transforma em mito. Para a criação da mitologia é necessária a existência de algo real. É certo que a visão mitológica, considerada em si, é destituída de dinâmica. Nesse sentido, Gilberto tem uma visão estática de si próprio, subjetiva, única, mas que retrata uma das facetas da realidade. Embora procure definir os elementos que o levam a escrever e lhe permitem ser o escritor que é – seu papel social, sua situação de classe, seu desempenho político, sua formação intelectual – a verdade é que a obra de pensamento ultrapassa a intenção do autor e ganha uma outra dimensão.

Respeitando o mito, optei pela reconstrução de sua biografia através de suas próprias palavras, pois considero que a visão que Gilberto tem de si próprio e de sua carreira é componente fundamental de sua visão de mundo, e esta, substrato básico de sua interpretação do Brasil.

AUTOBIOGRAFIA

Sucedeu-me ter tido uma meninice de neto de gente, além de patriarcal, rural, com sobreviventes, na convivência doméstica ou familiar, de escravos ou de servos nascidos nos dias de escravidão: o último deles, o velho Manuel Santana que meus filhos cresceram considerando-o avô. E, na própria meninice, cresci ouvindo histórias da negrinha Izabel e aprendendo palavrões com o malungo Severino e ouvindo da negra velha Felicidade, outrora escrava de minha avó materna e por nós, meninos, como por minha mãe, chamada Dadade, suas experiências dos dias antigos. Embora todos esses afro-negros, católicos devotos, de ouvirem missa ajoelhados e de se confessarem, soubessem restos de falas africanas e, quando a sós com os ioiozinhos, gostavam de lhes falar de Iemanjás e Exus. Afronegros assimilados às crenças católicas, tanto quanto de Carlos Magno, de princesas louras e de mouras encantadas. Sincretismo que foi trazido das casas-grandes para os sobrados e para as mansões urbanas, quando ainda patriarcais.

De vez em quando, sou acusado de saudosista, como se saudade fosse uma coisa vergonhosa. Eu confesso que sou um homem que

tem saudade, saudade de outros entes humanos, saudade de épocas que eu não vivi, saudade de um Brasil que já era Brasil muito antes de eu ter nascido. Quando eu nasci já não havia escravidão no Brasil, mas eu ainda encontrei, na minha família, escravas que tinham sido e continuam a ser da família. De modo que, muito na intimidade, eu aprendi que houve, no Brasil, um relacionamento todo especial entre senhor e escravo. Eu me lembro da escrava particular de minha mãe. Chamava-se – vejam o paradoxo – Felicidade. Mas eu asseguro que nunca, em toda a minha longa vida, encontrei pessoa mais feliz da vida. Dela eu ouvi histórias e mais histórias. Dela e de uma negrinha por quem desconfio que tive um primeiro amor. Essa negrinha, neta de escravos, outra pessoa feliz que conheci na vida, Izabel, me contava histórias e eu gostava muito de ouvir histórias. Tanto as de Dadade como as de Izabel. Isto, depois, aparece em Casa-grande & senzala, onde falo de escravas que davam o comer na boca dos meninos, que também repetiam palavras para meninos como que tirando os ossos das palavras.

Eu sou um menino que custou muito a aprender a ler e escrever, inquietando minha família bastante, que diante de um menino que aos oito anos se recusava a ler e a escrever tinha motivos para julgar, como minha avó, que morreu convencida de que eu era um subnormal. Ela exagerava; nunca fui inteiramente subnormal. Atribuo essa recusa ao meu grande contato com ex-escravos que me contavam coisas, que me contavam histórias na sua linguagem, que modificavam a minha linguagem, que me ensinavam, portanto, de uma maneira que professor oficial nenhum poderia ter feito. Eu me lembro que a negrinha Izabel era uma elitista; suas histórias eram somente de reis e rainhas, príncipes e princesas, gigantes e anões, de entes extraordinários. Tudo isso contado de uma maneira que revelava nela uma artista anônima porque sabia dar valor às palavras. Ora, eu sabia, pelos meus irmãos, que os livros de leitura eram muito insípidos; não se comparavam com essas histórias que eu ouvia de Izabel e de Dadade. Foi grande a influência de Izabel sobre mim, sobre o meu estilo, porque ela me deu gosto pela oralidade, pelo escrever falado, pela palavra viva.

Eu prefiria pintar. Ciúme de meu irmão mais velho, diz Madalena, cuja aplicação nos estudos concentrava os elogios pater-

nos. Foi um paradoxo que quebrou esse difícil estado de coisas. Foi um inglês. Numa de suas visitas foram-lhe mostrados meus desenhos e pinturas. Mr. George Williams, para espanto de minha família, chegou a uma conclusão diferente: "Vocês estão enganados, quem desenha e pinta como ele não tem nada de subnormal". E Mr. Williams, que quase não sabia português, como bom inglês com relação a línguas estrangeiras, disse: "Vamos aprender a ler a escrever em inglês, comigo". Tinha-me conquistado de tal maneira a simpatia de menino, por ter-se interessado pelos meus desenhos, que eu disse: "Vamos". E deu-se, então, este fato extraordinário: eu aprendi a ler e a escrever em inglês, esnobando os meus irmãos, que estudavam português nas escolas.

Realizado por minha mãe, inteligente e intuitivamente o transplante desse meu aprendizado em inglês às sílabas em língua portuguesa, tornei-me, como novo alfabetizado, ávido de rápidas intelectualizações. Passei a ler e a escrever como quem procurasse recuperar, quase aos saltos, acrobaticamente, tempos perdidos.

Aluno do Colégio Americano Gilreath, do Recife, espantei professores com a rapidez, quase mágica, dessas intelectualizações de neoalfabetizado. E juntei meu talento de desenhista à minha nova arte: a de escrever. Complemento do meu ler. Lia muitos livros e revistas, não me faltando gosto pelos jornais. Até que me surgiu a idéia de eu próprio tornar-me madrugadoramente jornalista, assumindo a direção do jornal do colégio. Grande ajuda de minha mãe, para quem eu lia discursos e artigos. Temia críticas do pai. Sabia que para o pai o grande saber era o dos números e não o das letras. Minha mãe era o meu refúgio. Ouvia o que eu escrevia, enternecida. Fazendo-me elogios às palavras que eu escolhia. Aos adjetivos que juntava a substantivos. Aos verbos com que movimentava as frases. Abria-me a respeito com minha mãe e somente com ela. Dizia-lhe que certas letras me pareciam gordas e, outras, magras. Que umas me pareciam azuis e outras amarelas. Que, dos verbos: uns pareciam correr, pular, saltar e outros andarem como se tivessem preguiça ou estivessem com sono. Minha mãe sorria dessas minhas personificações até que notou que o filho juntava desenhos e pinturas a palavras, como que dava a algumas palavras toques de imagens. Mostrou dona Francisquinha – minha mãe – ao marido, entu-

siasta de matemática, essas combinações originais. O dr. Alfredo Freyre talvez estimasse que o filho correspondesse, mais do que vinha correspondendo, ao seu apreço por números. Mas não deixou de se impressionar com suas espontaneidades e intuições.

Meu Pai não era medíocre. Alguma inteligência, alguma cultura, bom conhecimento de Latim e excelente Português: das línguas e das literaturas. Tudo nele, no seu saber como na sua conduta, correto. Eu detesto o excesso de correção, o que não significa detestar o equilíbrio nos modos e nas atitudes das pessoas. Meu Pai era correto sem excesso de corretismo. Nele o que não havia era imaginação. Nem sensibilidade à beleza da natureza e das criações da arte. Sou de uma família inteira de gente de pouca imaginação. Mãe, neste particular, um tanto acima da média, embora não muito acima. Avós, neste particular, medíocres. Bisavós, antepassados, colaterais, todos medíocres, embora homens e mulheres de caráter: alguns dos homens, bravos. Heróis da Guerra do Paraguai.

Se superei os limites da alfabetização tardia, não me falta a consciência de que escrevo num português mais aparentemente do que realmente simples. Na verdade, complexo não porque seja, em vez de português do Brasil, sociologês ou antropologês ou economês, mas por ser um misto de erudito, de quem na meninice teve em casa, pai não só versadíssimo na língua portuguesa como na latina: latinista. Leitor de Horácio e de Virgílio por prazer. Capaz de redigir e de conversar em latim. E que ao Português e ao Latim estudados pelos filhos em colégios – e depois pelos netos – acrescentou o aperfeiçoado por ele, à mesa do café ou do almoço ou do jantar.

Com esses dados, que considero que me legaram alcances e limites, fui para o curso superior. Posso resumir minha impressão da Universidade de Baylor, para onde fui em 1918, em duas palavras: terrivelmente provinciana. Mas sendo universidade (e então não tínhamos uma só universidade no Brasil!) reduz o mau efeito do meio provinciano sobre os seus estudantes, tendo até toques cosmopolitas; por exemplo, o professor A. J. Armstrong, mestre de Literatura Comparada, cuja verdadeira pátria não me parece seja USA, mas a Literatura: a Literatura em língua inglesa, no centro, e as outras literaturas européias em redor, formando uma espécie de novo império romano de que Roma fosse Londres e o maior dos césares, não Shakespeare, porém o poeta-filósofo Robert Browning.

Esse cosmopolitismo pôs-me em contato com grandes figuras das letras. Ter ouvido William Butler Yeats e conversado com ele foi para mim uma experiência como eu não poderia ter maior. Ficou este meu encontro com o irlandês genial como um dos grandes momentos da minha vida. Grande impressão, também, a de Vachel Lindsay e de Amy Lowell.

Na Universidade, substituindo a língua alemã, então proibida, estudei o anglo-saxão, juntando esse estudo ao lastro latino e um pouco grego de minha cultura e de meu verbo. Foi um estudo esse que, como o do Grego, terá deslatinizado um pouco minha formação, projetando-se sobre o que viria ser, em mim, se não um estilo, um modo de escrever, além de uma maneira de ser.

Em 1920, terminadas as matérias – todas, ainda, com um surplus – para o bacharelado em Baylor, segui para a Universidade de Columbia. Nenhuma outra da Europa ou da América tinha, àquela época, os mestres de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais que Columbia reunia em sua congregação. Ali existia um dos centros mais “criadores” na área da Antropologia, com Boas, além de grandes mestres tais como Seligman, Giddings, John Basset Moore, John Munro, Dewey, Hayes.

O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias de Columbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. Pareciam-me realmente uma negação das virtudes – se havia virtudes – na mistura de raças. Eram raquíticos, eram desengonçados, não sabiam, a meu ver, andar como deveriam andar. Aquilo me desanimou. Pensei: Será que o Brasil não tem realmente futuro? Faltou-me quem me dissesse então, que não eram simplesmente mulatos e cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Nessa época li Sorel, Maurras, Santayana – que me reconciliou com o Catolicismo – Henry James, Pascal, Santo Agostinho, Nietzsche, William James, Bergson, Le Play, Fustel de Coulanges, Stanley Hall, Weber, Simmel, entre outros.

Parti para a Europa em 1922 ficando primeiramente em Paris, indo posteriormente a Berlim, Munique, Londres e estabelecendo-me em Oxford para estudar. Encontrei em Oxford meu ambiente como em nenhum lugar já meu conhecido. É certo que em Paris, as cidades francesas, alemãs e belgas deram-me a impressão de lugares mais que necessários, essenciais, para me curarem do que há anos sentia haver de incompleto em minha condição de americano. Em Oxford senti que além dessa cura, recebi “de quebra” uma alegria de espírito que tornou minha vida uma constante e festiva aventura de sensibilidade e não apenas de busca de cultura: aquela cultura que só se torna parte de um indivíduo quando ele e certos ambientes se defrontam como partes de um todo a ser aos poucos ou de súbito completado.

Não poderia ter-me acontecido nada mais favorável do que ter tido essa formação no estrangeiro. Mas não creio que eu seja fruto dessa formação. Sou fruto, principalmente, do meu talento e talvez do meu mais-que-talento. Mas esse talento e esse mais-que-talento foram completados por uma formação adequada que eu não poderia ter tido no Brasil. Eu diria que adquiri, nos Estados Unidos e na Europa, uma visão do ser humano que não teria adquirido se não tivesse saído do Brasil, se não tivesse tido os contatos que tive. Contatos sob a forma de estudos universitários e também extra-universitários, com pessoas do povo, em cafés e até em cabarês. Estudei na Universidade de Columbia, talvez na sua fase de maior esplendor, com mestres como Boas e Basset Moore, mas também aprendi muito nos teatros e nos restaurantes que freqüentei em Nova Iorque.

Em 1923, passando algum tempo em Lisboa, voltei ao Recife. Deixei Recife ainda menino para revê-lo como homem feito. Revê-lo com outros olhos: os de adulto. Adulto viajado pela América do Norte e pela Europa. Adulto, como se diz em inglês, sofisticado. Edifícios que aos meus olhos de menino pareciam grandiosos surgiram-me, então, tão mesquinhos que tive necessidade de reajustar-me não só a cada um deles como aos conjuntos de valores a que eles pertencem.

Fiz escândalo quando, ao voltar para o Brasil, destaquei a importância da culinária como expressão das culturas nacionais. Ao voltar em 1923, encontrei um Recife onde se valorizava muito a mulher europeia, mesmo a prostituta europeia, em detrimento da nativa. Minha atitude foi a de valorizar a mulher nativa, morena e até a mulher negra. E isso teve repercussão, foi talvez uma pequena revolução nativista. Nesse período senti-me repellido pelo Brasil, como se me tivesse tornado um corpo estranho ao mesmo Brasil. Incrível o número de artigos e artiguetes aparecidos contra mim; a insistência de todos sobre um ponto: a de ser eu um estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeiro.

O que escrevia então (artigos no Diário de Pernambuco) mostrava o empenho do jovem com audácias de remar, por vezes, contra a maré, na defesa da conservação, sempre que possível, em países tropicais como o Brasil, de simples ruas, em vez da absoluta adoção de avenidas largas; a que se seguiria a defesa de arcadas nessas ruas, protetoras contra chuvas e sóis tropicais, na defesa de valores da arquitetura tradicional e regional brasileira; na defesa das árvores e plantas brasileiras ou tropicais nas ruas e nos jardins brasileiros; na defesa de assuntos e de linguagem atraentes para crianças, ao mesmo tempo que regionais, tradicionais, em livros brasileiros para meninos, em oposição aos livros de linguagem arrevesada e em torno de assuntos e ambientes estrangeiros; na defesa das cozinhas tradicionais e regionais do Brasil; na defesa da doçaria; a defesa de jogos e brinquedos tradicionais e regionais. O clamor em prol do encanto não só das velhas árvores como dos velhos portões recifenses de ferro rendilhado, de velhas varandas de sobrados coloniais do Nordeste, de velhíssimos abalcoados e janelas mouriscas de Olinda e do Recife como sugestões para arquitetos com imaginação capaz de os adaptar a novos modelos de edifícios regionais; a repulsa a uma então

dominante exaltação, no Brasil, de motivos, temas ou modelos humanos europeus, na estatuária, na pintura, na literatura de ficção, inclusive a colocação desses modelos em ambientes também estritamente brasileiros, em vez de europeus e antibrasileiros; a defesa dos nomes regionais e tradicionais de ruas; a defesa do campus universitário como valor estético, lúdico, recreativo a ser incorporado às futuras e, ao meu ver, necessárias universidades brasileiras; a defesa de perspectivas brasileiras nas literaturas de ficção e nos estudos sociais brasileiros; a exaltação do Pátio de São Pedro do Recife como o mais estético e valioso da cidade; como a sua igreja até então admirada menos que a incaracterística e, até banal, da Penha; a exaltação dos arcaísmos – para a época escandalosa – de uma Salvador afro-brasileira como sendo mais característicos de uma cultura nacional do Brasil; o clamor a favor do rio Capibaribe e de sua valorização pelo Recife; o destaque dado à História da civilização, de Oliveira Lima, como novo e superior tipo de livro didático; o destaque dado a Paraíba e seus problemas, de José Américo de Almeida, como exemplo de um também novo e superior tipo de ensaio regional; o destaque dado a Amazônia misteriosa, de Gastão Cruls, como, em português, outro exemplo de novo tipo de literatura, este de ficção ao mesmo tempo científica e regional; a exaltação de Augusto dos Anjos que, como poeta, devesse ser situado dentre os maiores em língua portuguesa, dada sua audácia ao mesmo tempo regional e modernizante.

Idéias com as quais, o autor hoje, nem sempre se conserva solidário. Afinal o eu, como diria Ortega, se altera com as circunstâncias. E as circunstâncias, com o tempo, são sempre outras. O que não significa deixar de haver no eu alguma coisa de irredutível.

Várias as idéias de hoje do autor que madrugaram no muito jovem ao escrever os artigos, expressas em palavras pela primeira vez aparecidas na língua portuguesa. Entre elas, a empatia. São artigos, portanto, em que já surgem, como antecipações, alguns dos pendores que se acentuariam no homem já de todo feito e permanecem no idoso. Artigos do autor que explicam seu “regionalismo” e o seu “tradicionalismo” em face do “modernismo” dos seus dias de estreante no jornalismo literário da província. Devo, entretanto, salientar as afinidades profundas que sentia desde 1926 – data da primeira via-

gem ao Rio e a São Paulo – com personalidades de “modernistas”, como eu interessados no folclore luso-brasileiro, em coisas de negros, de caboclos, de mestiços do Brasil: Manuel Bandeira (poeta), Prudente de Moraes Neto, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Hollanda, Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes, Jayme Ovalle, Affonso Arinos de Mello Franco, e dois ou três outros, aos quais continuam a ligar-me preocupações e modos de ver comuns.

Decidi fixar-me no Recife, não seguindo o conselho de Oliveira Lima de arrancar-me em São Paulo. Creio que cada um deve ficar o mais possível no lugar onde nasceu. Nada de muita emenda ao soneto da vida: ou do destino, que é o mesmo

Em 1926 inicia-se o Governo Estácio Coimbra, que desde os seus dias de Vice-Presidente da República me distinguiu de modo excepcional. Toda gente sabe que ele me confiou o cargo de Oficial Chefe de seu gabinete para eu não ser Oficial nem Chefe de Gabinete: só para estar na intimidade do seu governo e ser por ele consultado sobre certos assuntos, como se fosse pessoa importante. Secretariava com o maior gosto as audiências públicas de Estácio como Governador de Estado.

Em 1928, fui convidado por Estácio para fundar a cátedra de Sociologia da Escola Normal do Estado no plano da Reforma Carneiro Leão. Foi a primeira cátedra de Sociologia Moderna no Brasil.

Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. Por mais de um ano, após a vitória dos políticos – uns, autênticos homens de bem, outros velhacos fantasiados de catões – que em outubro de 1930 se apossaram do poder no Brasil, estabelecendo um novo tipo de governo, fui obrigado a conservar-me aventurosamente no estrangeiro. Vi-me, por algum tempo, na África: no Senegal. Contato, este, interessantíssimo. Depois da África, em Portugal, onde conheci, pela primeira vez, num duro inverno, aqueles rigores de frio que ali, quase tanto como noutras partes da Europa, só experimenta quem é pobre.

Veio-me então a idéia de escrever um trabalho que abrisse novas perspectivas à compreensão e à interpretação do Homem através de uma análise do passado e do ethos da gente brasileira: trabalho que

quatro anos antes, estando nos Estados Unidos e tendo à minha disposição manuscritos e obras raras da Brasiliana de Oliveira Lima, em Washington, eu já pensava tentar realizar. Mas conservando o meu plano em segredo quase absoluto. Tanto que, no Brasil, apenas o comunicara a Teodoro Sampaio, a Manuel Bandeira, poeta, a José Lins do Rego e a José Maria Carneiro Albuquerque.

Essa primeira pesquisa resultara, desde 1926, e da minha permanência, naquele ano, em Washington, numa multidão de notas: cadernos e cadernos repletos de apontamentos, quase todos a lápis. Tal pesquisa eu a retomaria em Lisboa, de 1930 a 1931, dando maior atenção ao material que se referisse à mulher e ao escravo, dentro do complexo patriarcal-escravocrático que de Portugal se comunicara ao Brasil, ampliando-se imensamente em terra americana e em ambiente tropical.

Em Portugal foi surpreender-me, em fevereiro de 1931, o convite da Universidade de Stanford para ser um dos seus visiting professors na primavera do mesmo ano. Deixei com saudade Lisboa, onde desta vez pudera familiarizar-me, em alguns meses de lazer, com a Biblioteca Nacional, com as coleções do Museu Etnológico, com sabores novos de vinho-do-porto, de bacalhau, de doce de freiras. Juntando-se a isto o gosto de rever Sintra e os Estoris e o de abraçar amigos ilustres.

Igual oportunidade tivera na Bahia - minha velha conhecida, mas só de vistas rápidas. Demorando-me em Salvador pude conhecer com todo o vagar não só as coleções do Museu Afro-baiano Nina Rodrigues e a arte do traje das negras quituteiras e a decoração dos seus bolos e tabuleiros, como certos encantos mais íntimos da cozinha e da doçaria baiana que escapam aos simples turistas. Certos gostos mais finos da velha cozinha das casas-grandes que fez dos fornos, dos fogões e dos tabuleiros de bolo da Bahia seu último e Deus queira que invencível reduto. A melhor lembrança que conservo da Bahia: a da sua polidez e a da sua cozinha. Duas expressões de civilização patriarcal que lá se sentem hoje como em nenhuma parte do Brasil. Foi a Bahia que nos deu alguns dos maiores estadistas e diplomatas do império; e os pratos mais saborosos da cozinha brasileira em lugar nenhum se preparam tão bem como nas velhas casas de Salvador e do Recôncavo.

Na Universidade de Stanford daqueles dias encontrei ambiente ideal para a continuação dos meus estudos sobre o complexo patriarcal-escravocrático brasileiro. Na biblioteca, achava-se, como que à minha espera, valiosa Brasileira. Encontrei também completa coleção de documentos parlamentares ingleses relativos não só ao tráfico de escravos como às condições de trabalho servil no Brasil: outra mina quase virgem à espera de quem a desvirginasse. Foi na Universidade de Stanford que tomou corpo o meu projeto desse livro: um livro que fosse uma nova reconstituição, uma nova introspecção e uma nova interpretação de uma sociedade de origem européia desenvolvida com elementos extra-europeus de etnia e de cultura, em espaço tropical; e à base de uma organização patriarcal e escravocrática de economia, de família, de convivência.

Realizados os cursos que me foram confiados na Universidade de Stanford, regressei da Califórnia a Nova Iorque por um caminho novo para mim: através do Novo México, do Arizona, do Texas; de toda uma região que ao brasileiro do norte recorda, nos seus trechos mais acres, os nossos sertões ouriçados de mandacarus e de xique-xiques. Mas, regressando pela fronteira mexicana, visava menos a esta sensação de paisagem sertaneja que a do velho sul aristocrata. Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no norte do Brasil e em certos trechos do sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pelas mulheres, pelo cavalo, pelo jogo; que sofreu, e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regime devastador de exploração agrária – o fogo, a derrubada, a coivara, a lavoura parasita da natureza. A todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado “deep South”. As mesmas influências de técnicas de produção e de trabalho – a monocultura e a escravidão. Às vezes tão semelhante que só varia o acessório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião.

Fazia-me falta o material que recolhera em 1926; e que eu ignorava se ainda se conservava no Brasil nas caixas de papelão grosso em que o deixara. A casa da minha família, no Recife, já eu sabia ter sido saqueada e incendiada. Mas os meus livros e papéis haviam fica-

do quase todos na casa em que eu residira com meu irmão Ulysses. Teriam escapado ao saque de gatunos fantasiados de patriotas?

Dos Estados Unidos voltei, ainda em 1931, para a Europa, demorando-me na Alemanha para estudos antropológicos nos seus excelentes museus-laboratórios. Em Hamburgo comuniquei meu projeto de livro ao então Cônsul do Brasil, naquela cidade e já meu amigo de Londres, Antonio Torres. Não lhe pareceu que o livro viesse a interessar aos brasileiros: segundo ele, eu deveria escrevê-lo em inglês. O Brasil lhe parecia um país sem futuro intelectual. Eu, entretanto, confiava no Brasil e nos brasileiros.

Da Europa, em vapor alemão, regressei ao Brasil, ao Rio de Janeiro. Aí foi decisivo o estímulo que recebi de meu amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade a favor do projeto de livro que eu trazia do estrangeiro. Sob esse estímulo continuei minhas pesquisas: na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional, na Biblioteca e no Arquivo da Faculdade de Medicina, no Museu Nacional. Foi considerável o material que recolhi nesses dias, no Rio de Janeiro, hóspede, por algum tempo, de Assis Chateaubriand, no seu palacete da Avenida Atlântica, dos Santos Dias, no Edifício Olinda, e de certa altura em diante, instalado em pequena, quase mesquinha, pensão da Rua Paulo de Frontin.

Foi Rodrigo quem redigiu o contrato com o editor Schmidt pelo qual o então ainda não milionário intelectual se comprometeu publicar o mesmo livro. Tornava-se ele meu editor mediante o pagamento por mês, ao já considerado "autor", de 500 mil réis, pela edição do trabalho que se intitularia Casa-grande & senzala.

Com o trabalho ainda inacabado é que regressei ao Recife onde, do começo de 1932 ao começo de 1933, me entregaria intensamente à tarefa de redigir o livro. Foi um trabalho que realizei em condições difíceis - comendo uma vez por dia e morando só e isolado numa casa à Estrada do Encanamento, então de propriedade do meu irmão Ulysses, onde ele e eu, solteiros, residíamos durante alguns anos. Em 1932 ele já homem casado cedeu-me aquela casa meio abandonada e a família concordou que durante o dia ficasse a meu serviço o velho Manoel Santana, preto nascido ainda no tempo da escravidão e durante longo tempo membro, por assim dizer, da nossa família; e de certo modo meu colaborador, através de informações orais, na elaboração do livro Casa-grande & senzala.

Não pense que foram dias de todo tranqüilos, para o autor, os do último ano, passado todo no Recife, de elaboração de Casa-grande & senzala. Comia – repito – uma vez por dia. Experimentei o sofrimento da fome. Quando vinha à cidade, de Casa Forte, era a pé. Voltava a pé. Vivía da venda das jacas, das mangas, dos jambos do sítio que rodeava a casa do meu irmão. Vida difícil. Além do que, a época era ainda de agitações.

Concluída a redação do futuro livro, incumbiu-se de levar o vasto MS, ao Rio, a Senhorita Anita Paes Barreto. Enviados os originais de Casa-grande & senzala celebraram, no Recife, os amigos do autor, o acontecimento, com uma dança na própria casa em que o trabalho fora concluído. À dança só foram admitidos amigos do autor que se apresentassem fantasiados de personagens típicos de casa-grande ou de senzala.

Os primeiros artigos de crítica que apareceram acerca do novo livro – elogiando-o – foram os de Yan de Almeida Prado, Roquete Pinto, João Ribeiro e Agripino Grieco, em jornais do Rio e de São Paulo. Os primeiros ataques que lhe foram feitos partiram do Recife, onde uma revista chegou a especializar-se nessa espécie de agressão sistemática ao novo livro e ao seu autor.

Por que já 23 – ou 24 – edições de Casa-grande & senzala em língua portuguesa e somente seis na mesma língua, da sua imediata continuação que é Sobrados e mucambos e três de Ordem e progresso? Parece que a resposta é que o primeiro é um livro carismático. Há livros, tanto como pessoas, carismáticos.

Como autor dos três, não ponho Casa-grande & senzala acima dos outros dois senão como livro, dentre os que já escrevi e publiquei, germinal. Ele está presente, em quase todos os que se sucederam, como gérmen. Como base de continuações, embora a essas continuações não falte, a cada uma, como livros, caráter autônomo.

Ser uma pessoa polêmica, discutida e até criticada me dá uma sensação de vitalidade muito agradável. Eu temo muito ser considerado um bonzinho que agrada a todo mundo, um convencional que não arrepiá nenhuma convenção. Tenho muito medo de chegar a ser benquisto por toda gente ao mesmo tempo. Creio que quem tem atitudes precisa se conformar com o fato de desagradar a alguns. Aliás, se eu tivesse vivido na época hippie provavelmente teria sido um hippie, pois eles representam uma repulsa ao excesso de conven-

ções, que considero prejudicial a qualquer sociedade, a qualquer cultura. Creio que naqueles tempos de meu regresso ao Recife fui um pouco hippie.

Sou muitas vezes acusado de conservador. Mas, o que eu quero conservar no Brasil? Valores brasileiros que estão encarnados principalmente nas formas populares de cultura, formas regionais, que dêem um sentido nacional ao Brasil. É, eu sou um conservador por ser um nacionalista, conservador de valores que exprimem uma nação brasileira através de uma cultura popular brasileira. A essa cultura popular tenho dado uma valorização máxima, embora não deixe de valorizar também uma cultura da elite.

Acho que a Semana de Arte Moderna representou uma introdução arbitrária, no Brasil, de modernices européias, sobretudo francesas. Sem dúvida, a cultura brasileira em geral e as artes brasileiras em particular precisavam na época de ser modernizadas, revigoradas – mas levando-se em conta a realidade regional brasileira, suas tradições características às quais se poderia adaptar inovações européias. Isso não se fez em São Paulo, mas sim no Recife, num movimento muito menos badalado do que a Semana de Arte Moderna de São Paulo. Esse movimento foi regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista, ao qual estiveram ligados artistas como Vicente do Rego Monteiro, um renovador da pintura e da escultura.

Alguns me acusam de “reacionário”. Os que usam tal palavra em relação a mim refletem uma real ignorância sobre o significado de minha obra, ou um sentido muito perverso do que seja “reacionário”. O que sou é sensível às raízes. Mas não procuro imitá-las. Nelas busco inspiração para novas perspectivas em expressão literária, em percepção sociológica e na própria filosofia social que está presente em tudo o que escrevo. Sou um defensor do anarquismo construtivo. Em termos de idéias sou contra qualquer excesso governamental. Creio que os governos devam ser reduzidos ao mínimo. O atual Estado brasileiro não me agrada em nada, nada. Sobretudo o Estado brasileiro representado a partir de Brasília, cidade que é um exemplo acabado do estatismo ultracentralizador. Temos um tipo de centralização que só se comprara ao totalitarismo soviético (dados de 1984). A presença do Estado é sempre indesejável porque, invariavelmente, perdemos um pouco da liberdade.

Eu me defini a favor do movimento de 1964 sem que isso implicasse uma adesão política. Implicou uma adesão nacionalista. Não estava a par do que se tramava, mas meu sherloquismo já captava alguma coisa do que se passava. O general Castelo Branco, então Comandante do IV Exército, freqüentava muito a minha casa, mas vinha para conversar e não para conspirar. Quando assumiu a Presidência da República convidou-me para ser o Ministro da Educação e não aceitei porque senti que não estava havendo uma revolução, mas sim uma substituição dos quadros governamentais, e isso não me interessava. A meu ver, 1964 era inevitável, tinha de vir, diante do caos a que o Brasil chegara, diante da infiltração russo-soviética no país. De modo que as Forças Armadas prestaram um grande serviço ao Brasil, em 1964. Mas a sua presença no governo talvez tenha se prolongado demais. No plano social a Revolução teve uma oportunidade única, que não foi aproveitada. E também não soube libertar-se do burocratismo, havendo ainda a tendência de certos assessores da Presidência para estabelecer um dirigismo da cultura. 1964 foi uma grande revolução fracassada. Os líderes do movimento tiveram a oportunidade de fazer uma revolução verdadeira, mas falharam. E fracassaram porque lhes faltou sensibilidade social e sobrou economicismo.

O fato de sinceramente não me considerar mestre de ninguém nem de coisa alguma, guarda-me da pretensão de vir fazendo escola no Brasil ou fora dele. O que não deve ser encarado como modéstia ou elegância da minha parte. Sem de modo nenhum considerar-me mestre no sentido convencional de chefe de escola ou criador de sistema, considero-me pequeno iniciador de um também pequeno movimento de renovação intelectual, talvez não de todo desprezível entre os movimentos intelectuais da nossa época.

Sem pretensões a ser mestre ou ter formado escolas, não me repugna à vaidade supor que das minhas aventuras de experimentação intelectual alguma influência venha resultando sobre estudantes tanto quanto eu empenhados, hoje, dentro e fora do Brasil, no esclarecimento de problemas dos quais pareça defender melhor ou mais lúcida interpretação da natureza humana. Inclusive daquele passado íntimo do homem, até há pouco abandonado pelos historiadores acadêmicos aos antiquários ou aos cronistas.

Sou muito acusado de vaidade, e reconheço que tenho alguma. Talvez seja uma maneira de neutralizar a omissão em torno de meus livros, mas a verdade é que tenho consciência do que minha obra vale. E a consciência desse valor está baseada nos numerosos testemunhos de grandes autoridades em vários países, em todo o mundo.

Detesto, devo dizer, que me chamem de mestre. Eu não me considero mestre, não. Eu me considero um indivíduo que chega aos 85 anos aprendiz, sempre aprendiz, sempre adquirindo novos conhecimentos, sempre achando necessário adquirir novos conhecimentos. Eu acho que o intelectual precisa ser sempre um insatisfeito, precisa sempre procurar novas visões, novas perspectivas, novos rumos de sua aproximação do que ele considera verdades a serem descobertas ou redescobertas. Porque as próprias verdades descobertas precisam ser redescobertas constantemente. É a minha experiência. E eu falo como quem chegou a uma idade bastante avançada para ter juntado aos seus saberes alguma experiência e de valer-se, muitas vezes, mais da experiência do que dos saberes. Eu chego a esta idade avançada duvidando muito dos racionalismos e das lógicas. Penso que existe um conflito entre a racionalidade absoluta e a não-racionalidade. Nosso conhecimento, quer da natureza, quer do homem pelo homem, deriva das aparentes irracionalidades.

Nunca me integrei no status de velho, nem nas suas vantagens nem nas suas desvantagens. Nunca aceitei a denominação de mestre, e é por isso que não formei escola. Não sou mestre de modo algum, nem quero que me tirem esta grande liberdade que é estar sempre aprendendo, renovando-me. E acho que Deus – eu creio na existência de um Deus, à minha maneira – me concedeu uma série de vantagens, entre elas a de estar já numa idade avançada e sem os achaques da velhice. Por exemplo, li muito a vida inteira e não uso óculos. Também não uso bengala.

Quando criança usava meus soldadinhos de chumbo para brincar de Deus; manejá-los e dispô-los em ordem dava-me uma sensação de poder que tinha uma marca divina na minha fantasia. Hoje acredito num Deus revelado que é Jesus Cristo e todas as noites eu rezo, ou melhor, converso com Deus a quem chamo também de meu deusinho.

Eu refletia muito mais sobre a morte quando era jovem. Mas confesso que a morte não deixa de me impressionar muito desfavo-

ravelmente. Conversando com Deus eu o acuso de não ter feito o homem, criado por ele, imortal.

Haverá, afinal, de modo absoluto, tempo morto? Ou o homem é que morre, como indivíduo biológico, para, como pessoa, por vezes sobreviver a si próprio e ao seu próprio tempo, num transtempo, este como que imortal? Imortal como superação do tempo apenas histórico.

NOTA: O presente capítulo foi montado a partir de trechos selecionados da obra e de entrevistas concedidas por Gilberto Freyre. Como estes foram escritos em momentos diferentes, havendo intervalo entre eles de mais de 50 anos, fui obrigada, às vezes, para conferir unidade ao texto, a introduzir algumas modificações.

a. mudar o tempo dos verbos do presente para o passado, principalmente quando utilizo o diário do autor, que registra os fatos dia-a-dia;

b. utilizar sempre o tratamento na primeira pessoa do singular, uma vez que o escritor fala, muitas vezes, de si próprio, na terceira pessoa;

c. incorporar, quando utilizo entrevistas, a pergunta à resposta dada;

d. omitir algumas palavras de ligação quando a frase utilizada resultava de argumentação anteriormente dada.

Os trabalhos de Gilberto Freyre consultados foram:

Casa-grande & senzala. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. pp. LV, LVI e LVII.

Sobrados e mucambo. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981. p. XXX.

Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1941. p. 25.

Como e porque sou e não sou sociólogo. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1968. pp. 126, 127, n. 129, 130, 131, 132, 134, 135 e 136.

Tempo morto e outros tempos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. pp. 19, 20, 30, 36, 40, 41, 42, 43, 104, 105, 125, 128, 192, 225, VIII e IX.

Tempo de aprendiz. São Paulo: Ibrase/MEC/INL, 1979. pp. 31, 32 e 33.

"Prefácio". In: Ernani Silva BRUNO. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1984. pp. III e IV.

Uma neo-alfabetização. In: *O Estado de S. Paulo*, 30/12/1984.

E ainda, de outros autores, limitando-me a entrevistas:

Ricardo NOBLAT. Playboy entrevista Gilberto Freyre. *Playboy*, março/1980, pp. 30, 34, 96 e 103.

Angela LACERDA. Na casa de Gilberto Freyre, lembrando nossas raízes. *Cláudia*, abril/1983, pp. 248 a 250.

Leo Gilson RIBEIRO. Gilberto Freyre: revelações do maior fã de Sônia Braga. *Jornal da Tarde*, 19/11/1983, p. 4.

Mauro BASTOS. O anarquista construtivo. *Veja*, n. 800, 04/01/1984, pp. 6 e 7.